

## O RECADO AMIGO

22/6/66

RUBEM BRAGA

Alguém, que muito prezo e que está longe, me escreve para dizer que está lendo tôdas as minhas crônicas. E agora, ao abrir a máquina para escrever, sinto que isso me inibe. Tenho por essa pessoa um sentimento de carinho que é alguma coisa como devoção. Saber que ela está lendo a minha coluna — ao mesmo tempo me lisonjeia e me embaraça.

A gente se acostuma a escrever para o público, isto é, para todos e para ninguém. Esse público é uma confusa massa de gente que o cronista não vê, nem sente. Suas reações são contraditórias; o que uma pessoa acha lindo outra acha ridículo, o que a êste parece muito sábio àquele parece muito errado e àquele outro apenas tedioso.

Com o tempo, o profissional da crônica aprende — não a desprezar o público, porque é dêle e para êle que vive o cronista —, mas a fazer abstração do público na hora de escrever.

Não podemos nos dar ao luxo stendhaliano de escrever para dez leitores escolhidos; por mais honroso que seja para nós ouvir ocasionalmente o elogio de um alto espírito que admiramos, precisamos não esquecer que não escrevemos para êle, mas para muitos milhares de desconhecidos de todos os gostos e níveis culturais — para o leitor comum de jornal ou revista.

Se queremos exercer nosso officio com alguma dignidade, sabemos também que não devemos procurar adular êsse «leitor comum», fazendo o que possivelmente iria agradar ao maior número, usando qualquer receita fácil para causar sensação, ser discutido, etc. Pelo contrário, temos de supor que êsse inexistente «leitor comum» é algum sujeito mais ou menos como nós, que tem lá suas idéias e suas manias e se acostuma a respeitar as dos outros.

Com o tempo vamos perdendo um pouco a cerimônia, e mandamos para o papel o que sentimos ou pensamos, respeitando apenas as conveniências impossíveis de esquecer quando se escreve em um jornal que anda em tôdas as mãos. Não acabamos por refletir — não vale a pena forçar a natureza e falar da inflação quando estamos pensando apenas nos braços de Joana, ou escrever sôbre o luar quando estamos irritados com o abuso de um chofer de lotação. O melhor é seguir nossa veneta e — Deus é grande! — quem quiser que nos acompanhe, quem não quiser que espere para ler outro dia alguma coisa que lhe seja doce.

Isso tudo é a teoria (ou prática) de um velho cronista em relação ao público. Mas vem uma carta «agora recebo o jornal por via aérea...» — e lá se vai a teoria, lá se vai a prática. Estou aqui escrevendo essas coisas e pensando que a única realmente importante seria poder dizer algo que a fizesse sorrir ou lhe desse uma pequena emoção boa; que fôsse como um carinho suave e casto que ela apenas entendesse, e não a perturbasse, e lhe fizesse bem; um recado amigo; esta mão, de leve, no seu ombro...

RN 282

M 499

M 499

D IV 23.2.57

113